

Data: 27.05.2020

Título: Chamemos-lhe segunda vaga ou segunda onda, os especialistas estão à espera dela

Pub:



Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Nacional

Pág: 10;11



CORONAVÍRUS

Chamemos-lhe segunda vaga ou segunda onda, os especialistas estão à espera dela

Área: 742cm² / 39%

Tiragem: 72.253

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 6852812

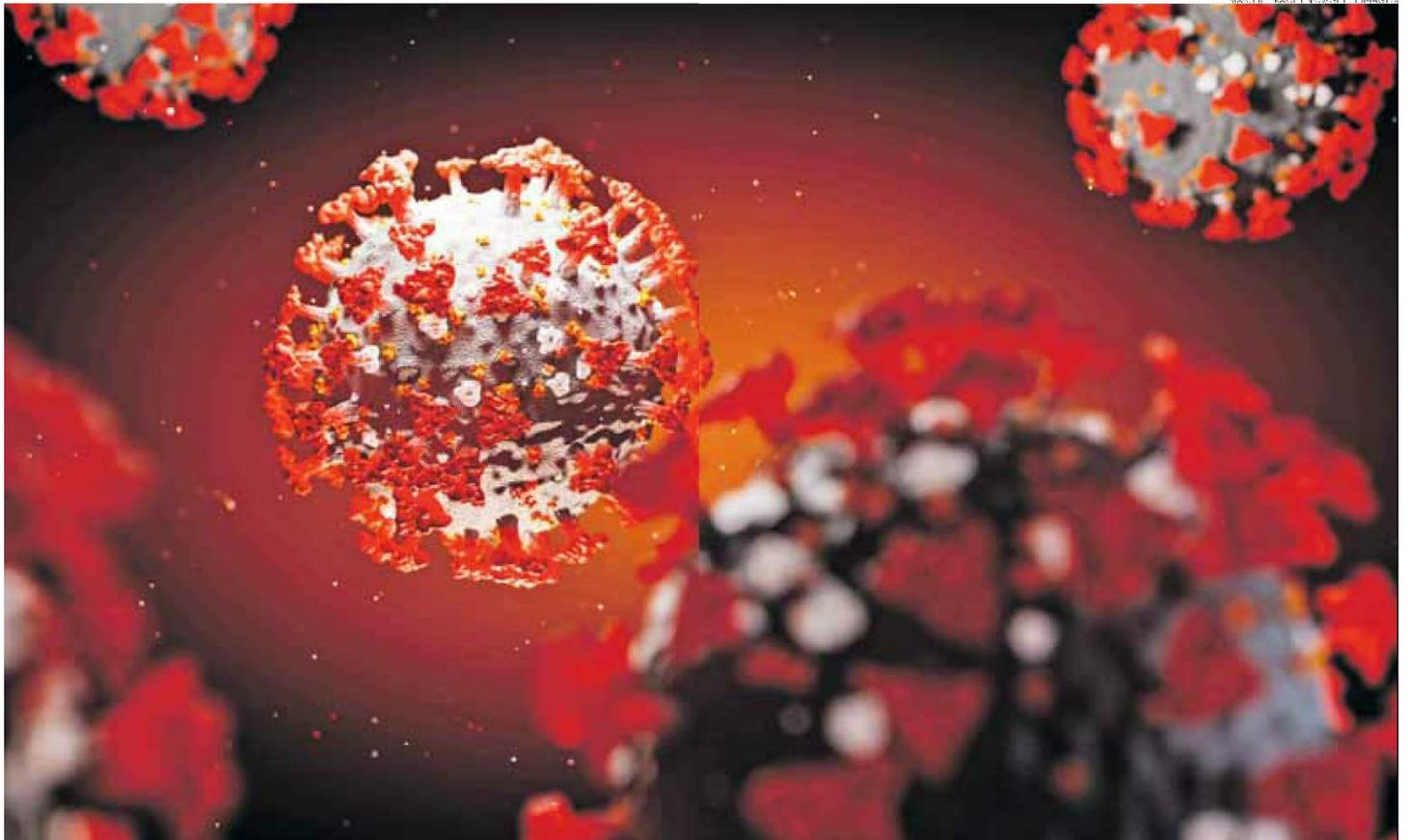


Imagem artística do coronavírus SARS-CoV-2

Há especialistas que alertam que nos devemos preparar para um novo aumento de casos e que o desconfinamento deve ser feito com cuidado. Neste momento, questiona-se quando e qual será a magnitude dessa subida

Teresa Sofia Serafim

A pesar de muitos países terem diminuído o número diário de casos positivos de covid-19, ainda estamos em plena pandemia e o coronavírus SARS-CoV-2 já se espalhou um pouco por todo o mundo. Com muitos países a aplicar medidas de desconfinação, já se colocam questões sobre uma segunda vaga da pandemia. Quando acontecerá? Haverá mais casos de infecção? Mas estaremos mais preparados? Especialistas dizem que a questão não é se esta segunda vaga vai acontecer, mas quando ocorrerá e qual a sua magnitude. E avisam: é preciso continuar a pôr em prática as medidas de saúde pública e o distanciamento social.

Logo no início da semana, Maria Neira, directora do Departamento de Saúde Pública da Organização Mundial da Saúde (OMS), deu uma entrevista à rádio catalã RAC-1 em que abordou a segunda vaga da pandemia: “Os modelos indicam um crescimento gradual até a uma vaga importante, mas esta última é cada vez mais descartada”, disse, reforçando que estamos mais preparados do que antes.

Ao PÚBLICO, Maria Neira esclareceu que aquilo que queria dizer é que um dos cenários possíveis é o de uma segunda vaga da pandemia “menos dramática do que a anterior porque estamos mais bem preparados”. E exemplificou que os lares de idosos – onde vive um grupo de risco – estão mais protegidos, a gestão de doentes nos hospitais melhorou e existe um robusto sistema epidemiológico.

“O risco de novas ondas é real, mas é difícil de saber qual a probabilidade [das suas dimensões], mas temos de ser extremamente cuidadosos quanto a essa possibilidade”, adiantou. Maria Neira refere que as próximas semanas são “críticas” e que não se devem aliviar demasiado as medidas de saúde pública já postas em prática. Por isso, realça que para se evitar uma grande segunda vaga deve manter-se um elevado nível da preparação, de capacidade de testes e tratamentos. “A forte participação da comunidade é crucial a nível do distanciamento

social, da lavagem das mãos, da etiqueta respiratória, entre outras.”

No mesmo dia (anteontem), na conferência de imprensa da OMS, Mike Ryan (director executivo do programa de emergência da organização) também abordou as vagas da pandemia. O especialista em emergências lembrou que o mundo ainda está a meio da primeira vaga e, se há países em que o número de casos positivos está a baixar, há outros em que continua a aumentar, como na América Central e do Sul, em África e no Sul da Ásia.

Também alertou que uma segunda vaga pode ser uma realidade para os países daqui a alguns meses. Contudo, avisou que só porque o número de casos está a diminuir nalguns sítios não quer dizer que não haja subidas ainda durante esta vaga: “Podemos ter um segundo pico nesta vaga”, afirmou. Como tal, para que não haja uma segunda vaga de imediato e não andemos para trás, é preciso continuar a seguir as medidas de distanciamento social e de saúde pública.

Proteger grupos de risco

As questões em torno da segunda vaga têm vindo a ser levantadas. Na semana passada, Andrea Ammon, directora do Centro Europeu de Prevenção e Controlo de Doenças (ECDC), disse em entrevista ao *The Guardian* que a Europa se deve mesmo preparar uma segunda vaga: “A questão é quando e quão grande, essa é a questão na minha opinião.”

Também o virologista Pedro Simas afirma que haverá uma segunda vaga: “[A questão] não é se essa segunda vaga vai acontecer, é quando vai acontecer e com que magnitude.” Para nos explicar o porquê da segunda vaga, o cientista do Instituto de Medicina Molecular nota que a imunidade populacional ao vírus ainda é baixa em todo mundo. “As pandemias ocorrem precisamente porque não há imunidade populacional”, frisa.

Portanto, além de a população ainda estar susceptível, o vírus já está disseminado um pouco por todo o mundo e sabe-se que é altamente contagioso devido às “infecções invisíveis” que vai deixando. “O potencial pandémico é maior agora do que anteriormente porque o vírus está espalhado em todo o lado.” Também

ainda não há vacina, que é a outra forma de se construir imunidade de grupo além da infecção natural.

Quanto à magnitude da segunda vaga, o virologista refere que vai depender de como aplicamos as medidas de prevenção e do que os países fizerem. E poderá esta vaga ser mais ou menos grave do que a primeira? Pedro Simas chama a atenção para o significado do que se considera grave. Essa vaga só seria grave sobretudo se a mortalidade fosse elevada e o Serviço Nacional de Saúde (SNS) ficasse sobrecarregado, refere.

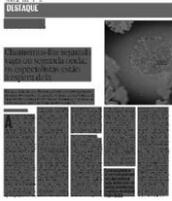
“Em termos de infecções, pode ser uma vaga muito maior do que a primeira, mas em termos de mortalidade até pode ser menor – isto se soubermos defender os grupos de risco, porque já temos informações e ferramentas para os proteger”, esclarece. E lembra que assim se está a construir a imunidade de grupo protegendo, ao mesmo tempo, grupos de risco.

“É preciso preparar as pessoas para uma possível segunda vaga muito maior em termos de infecções”, resume. Afinal, com o desconfinação há um contacto maior entre as pessoas, o que leva a um aumento proporcional de infecções. Contudo, ao contrário da primeira vaga, agora já estamos mais preparados pelo menos a nível científico e a sociedade educada para os perigos.

Por isso, Pedro Simas deixa duas grandes mensagens. A primeira é então sobre o possível aumento de infecções: “O número de casos vai aumentar e isto não é necessariamente mau, só é mau se não conseguirmos proteger os grupos de risco e o SNS.” A segunda é que, para se ter o controlo sobre esta segunda vaga, as pessoas têm de seguir as indicações da Direcção-Geral da Saúde, nomeadamente sobre o uso de máscaras, o distanciamento social e a higiene. “Tem de haver alguma cautela para não se estragar tudo aquilo que se fez e não se entrar no descontrolo.”

Carla Nunes, directora da Escola Nacional de Saúde Pública, também avisa que é preciso ter cuidado com o desconfinação e que devemos manter o distanciamento social. bem

É preciso preparar



Data: 27.05.2020

Título: Chamemos-lhe segunda vaga ou segunda onda, os especialistas estão à espera dela

Pub: 



Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Nacional

Pág: 10;11

as pessoas para uma possível segunda vaga ainda maior em termos de infeções, assinala o virologista Pedro Simas

Área: 742cm² / 39%

FOTO Titagem: 72.253

Cores: 4 Cores

ID: 6652812